

Acervo pessoal/Flávia Medeiros

**Colação de grau de Flávia em Relações Internacionais**

Acervo pessoal/Flávia Medeiros

**Flávia Medeiros e o padrasto, Agnaldo Eufânio**

Acervo p essoal/Flávia Medeiros

**Com os irmãos Robert e Juliana (in memoriam)**

O parecer recursal descreveu o corpo da candidata e concluiu: “Flávia Henriques Goes de Medeiros possui pele de tonalidade clara, cabelos lisos e traços fisionômicos finos; indefere-se a candidata, por não serem identificados traços fenotípicos inerentes à pessoa negra.” O critério, diz o documento, foi exclusivamente o fenótipo. A mesma pessoa que a UFOP reconheceu como parça — e que o próprio Itamaraty aprovaria, seis meses depois, em outra banca, para uma bolsa. “Nada havia mudado em mim, mas, pelo visto, tudo mudou.” Não aceitou o veredito. Contestou na Justiça e venceu.

Sozinha em Brasília

Para assumir, largou tudo em Vitória, onde morava com a mãe — a casa, os amigos e o trabalho. “Eu nunca tinha saído de casa. Tudo o que deixei para trás era segurança.” Veio sozinha para uma cidade onde não conhecia ninguém.

Tomou posse em 2 de abril, mas não como sonhara. “Assinei só eu e a pessoa do RH do Ministério. Vim sozinha. Não pude trazer minha família.” Ainda assim, foi feliz: conheceu a divisão, a chefia, o Ministério por dentro. O que doeu foi a comparação: os colegas tiveram cerimônia e levaram as famílias; ela, não. “Fui a única que não teve cerimônia. Queria muito que minha família tivesse visto isso de perto.”

Empossada, foi eleita secretária executiva adjunta do comitê étnico-racial do próprio Itamaraty. Nunca chegou a assumir. Logo depois, a União recorreu, e um desembargador do Tribunal Regional

Federal da 1ª Região (TRF1) entendeu que ela não poderia ficar no cargo antes do fim do processo. A posse foi suspensa, e a exoneração saiu na semana em que o comitê seria nomeado — afastada pelo mesmo órgão que a elegera para discutir raça e que, na banca, a classificara como não cotista. “É uma incongruência muito grande.”

No dia do ato no Diário Oficial, 22 de maio, nem foi trabalhar. “Eu tinha construído um sonho e estava sendo tirada de tudo. A sensação de estar suspensa no ar, sem chão embaixo.”

Na cidade nova, o amparo veio dos colegas, não da instituição: eles se mobilizaram e ofereceram apoio. “O ministério nunca se posicionou institucionalmente.” Foram os meses mais difíceis. Preferiu poupar o avô, de 87 anos: não contou da exoneração, para não preocupá-lo.

O retorno

Em 15 de junho, a Advocacia-Geral da União (AGU) reconheceu o erro e firmou um acordo para reconduzi-la, sem pagar pelos meses de afastamento. “O Estado não pode ter compromisso com o erro”, disse o advogado-geral, Jorge Messias, que falou em corrigir “uma rota que estava indo na direção equivocada”. O acordo ainda não foi homologado pela Justiça, mas previa a nomeação em até cinco dias após a assinatura — por isso reassumiu no dia 23. A mesma União que a afastara agora a reconduzia.

Ela não usa as mesmas palavras do ministro. “É uma injustiça. A gente está excluindo pessoas de uma política pública. É um erro grave.” Voltou sem os retroativos para

resolver rápido: precisava do salário de imediato, e não tinha como sustentar um processo longo. “Há vitórias que são meio amargas”, resume.

O que mais lamenta não é o dinheiro, e sim o que não volta. “As vivências de um mês de trabalho. E a cerimônia de posse que eu não tive — isso é o mais intangível, mas muito valioso, que eu perdi.”

Hoje, a rotina é tranquila: temas consulares, no apoio à política migratória. Tenta sair antes do pôr do sol, “porque gosto de ver a Esplanada ainda iluminada”. Nesta época dos ipês, o caminho de casa fica mais bonito.

Continua a mesma, talvez mais realista. “Mas continuo sonhadora e preservando a minha autenticidade. Acho que foi justamente isso que fez com que tantas pessoas se identificassem comigo.” O que mudou foi a consciência do que representa. “Eu não represento só um acesso às cotas. Represento uma luta pública, de muitas pessoas que se identificam.” Não quer que a dor entre antes dela. “Quero que entrem as minhas qualidades, as características positivas do meu povo.”

Sonha em levar a mãe e o avô para conhecerem o mundo, quando for trabalhar no exterior. “Não consigo visualizar a cena por completo, mas tenho certeza de que será um momento muito feliz para todos nós”, diz. Sobre o que diria a quem a avaliou na sala, responde como quem disse tudo: “Eu era quem eu era. Continuo com as mesmas características; continuo a ser a mesma pessoa. Não tenho nada a acrescentar.”

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**

**Flavia Medeiros e sua mãe, Nádia Goes****Flávia Medeiros em viagem internacional**

Acervo pessoal/Flávia Medeiros

Acervo pessoal/Flávia Medeiros